

**OS SENTIDOS DAS PALAVRAS EM OTHON M. GARCIA**

Amós Coelho da Silva (UERJ)

[amosc@oi.com.br](mailto:amosc@oi.com.br)

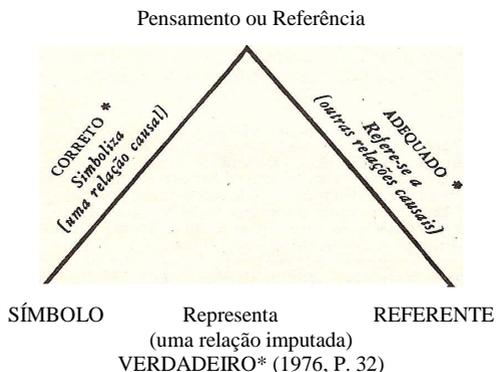
**INTRODUÇÃO**

A leitura de “O Vocabulário” em Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*, nos dá a dimensão da importância da linguagem na educação do gênero humano.

O Autor nos menciona uma pesquisa em que um especialista (Dr. Johnson O’Connor) *submeteu a teste de vocabulário cem alunos de curso de formação de dirigentes de empresas industriais* (2002, p. 64). Depois de cinco anos, se verificou o percentual de 10%, que revelou mais domínio de vocabulário, ocupando os cargos de direção e o percentual de 25%, que demonstraram um domínio “fraco”, sem ocupar nenhum cargo de direção.

Admite ainda que para *vencer na vida* não é suficiente um bom vocabulário. Mas é inegável a importância de um domínio de vocabulário, tanto na recepção de mensagens como na formulação da expressão do pensamento de maneira clara e precisa. Sem palavras não se pensa.

Dentre as múltiplas leituras recorridas por Othon M. Garcia, encontramos o triângulo de Ogden e Richards abaixo:



## LÉXICO E SEMÂNTICA

Os exemplos comentados por Ogden & Richards nos permitem afirmar que, devido à fluidez do significado das palavras – ou seja – do “referente”, há múltiplas interpretações para um mesmo texto. Assim, seguindo os passos de Umberto Eco em *Obra Aberta*, vamos admitir “símbolo” como signo da língua verbal, na palavra “cão” (Eco, 1971, p. 11). Há neste termo uma relação sem motivo e não natural com aquilo que este indica, ou seja, *o cão propriamente dito* (Idem, 112). Em outro idioma, teríamos à esquerda do triângulo outro segmento fônico e nem por isso haveria mudança na relação com o “referente”. No entanto, se alterarmos a referência, teremos novidade, porque é a mediação entre o “símbolo” e o “referente” é dada pela “referência”. Isso é o que uns chamam *conceito*, outros *imagem mental* e até *a condição de uso do “símbolo”*. Há uma estreita relação entre “símbolo” e “cão”. Ao se tentar dizer “cão”, não se pode dispor de outro recurso para se exprimir que não seja o “símbolo”. Ao se ouvir “cão”, devido à referência, se pensará no “símbolo” “cão”. Mas há “símbolo” sem referente, como é o caso do *unicórnio* (Idem, p. 112). A semiologia é o estudo do lado esquerdo triângulo de Ogden e Richards (Idem, p. 113). Aí residem *numerosos fenômenos de significação* (Idem, p. 113).

Quando Othon M. Garcia interpreta na leitura de Ogden & Richards que *as palavras por si mesmas nada significam, a cada novo contexto elas adquiririam significação diferente* – ainda se refere àquele fato afirmado também por Umberto Eco sobre a mediação da referência entre o “símbolo” e o “referente”. Ora, conforme o estudioso italiano, se for usada uma estratégia simples num âmbito de comunicação, como, por exemplo, apenas apontar o objeto sem construção de texto mais elaborado, talvez se pudesse sair desse emaranhado. Assim, se apontaria para uma “vaca” e estaria resolvida qualquer dificuldade de sentido da mensagem? Em primeiro lugar, tomemos “sentido” como diferente de “significado”. Qual é o “significado” de “vaca”? É um animal dotado dos seguintes semas: vertebrado, mamífero, quadrúpede, doméstico, fêmea etc. Porém, se a referência viesse de um hindu, e não de uma referência de um ponto qualquer do globo terrestre, ocorreria uma significação totalmente diferente a partir de um sema religioso: para eles, a “vaca” é elemento do sagrado. Ou seja, “referência” corresponde a uma outra cultura. Aí alcançamos o “sentido”.

A mesma coisa se pode exemplificar com a palavra “senhora”. Em Joaquim Manoel de Macedo, *A Moreninha*, “senhora” apresenta semas bem diferentes de Aluísio Azevedo em *O Cortiço*. Com diferenças evidentes de época, em *A Moreninha*, surpreendemos o fato de uma menina de quinze anos ser tratada por *senhora*, como elemento a ser interpretado, já que uma possibilidade de leitura, no vasto sistema, ou seja, no mundo, seria a de uma repressão sexual por trás dessa cerimônia social. Em Aluísio Azevedo, o termo “senhora” é enriquecido com um diminutivo e afirma o Autor de *O Cortiço*: *Chamavam-lhe Pombinha*. Quer dizer, a comunidade do cortiço a batizou com este “símbolo”. Por iteratividade, o mesmo acontece com a filha do Jerônimo: *Crismaram-na logo com o cognome de “Senhorinha”*. (p. 131, capítulo 19) O próprio Autor nos auxilia na leitura, quando afirma que, naqueles moradores antigos - como ocorreria com a Pombinha - *havia uma necessidade moral de eleger para mimoso da sua ternura um entezinho delicado e superior, a que eles privilegiavam respeitosamente, como súditos a um príncipe*. (ibidem) A afetividade da comunidade está expressa no sufixo -inho e o elemento simbólico de contemplação / sacralização no nome pomba, que, na tradição judaico-cristã, representa o Espírito Santo, ou seja, a pureza e simplicidade, uma mensagem de paz, harmonia, esperança e felicidade. O que dizer, então, de “senhora”? É claro que é a Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Tudo isso forma implícitos (repetição de diminutivos, da sacralidade do nome etc.) que devem ser orientados na leitura de um discurso literário.

Como se sabe, a semiologia em Saussure se apresenta como um ramo da psicologia social, ou seja, um quadro maior que abrange a linguística. Se ancorarmos nossa leitura em Roland Barthes, seremos forçados a admitir que qualquer sistema semiológico, como código de trânsito ou de alimentação de um povo etc., se impregna de linguagem; donde, a semiologia é que seria um ramo da linguística.

Por isso, Othon M. Garcia passa daquela leitura, que ele citou, quer dizer, Ogden & Richards, que se prendem a uma análise da linguagem também não verbal, afirmando que tal mediação *tornaria praticamente impossível a própria intercomunicação* (p. 176). E retoma o debate, introduzindo o dicionário. Este caminho percorrido por Othon M. Garcia, é semelhante ao de Mattoso Câmara (1970, p. 22):

## LÉXICO E SEMÂNTICA

Assim, uma língua, em face do resto da cultura, é -1) o seu resultado, ou sùmula,<sup>2</sup>) o meio para ela operar, 3o a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações.

Tudo isto opõe a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e torna necessária uma ciência independente para estudá-la – a LINGÜÍSTICA, distinta da ANTROPOLÓGICA CULTURA ou ETNOLOGIA, que estuda todas as outras manifestações culturais.

Para nos encontrarmos, temos de retomar Saussure com o que ele denominou “valor linguístico”, que é o “sentido” de um elemento, considerada a sua posição dentro de um sistema linguístico. A união entre o som vocal, admitindo-o como possibilidade combinatória, e um conceito, imbricado num sistema, resulta numa forma e não numa substância.

É no conjunto das “relações” em “oposição” entre as unidades linguísticas no interior do sistema que encontraremos o “valor linguístico”. Assim, (Benveniste, 1995, p. 23):

A noção positivista do “fato” linguístico é substituído pela de “relação” (*Idem*). Ao invés de considerar-se cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo”.

Na questão da “Polissemia e contexto”, considerando a linguagem, seja na comunicação *oral ou escrita, mímica ou semafórica*, como *um sistema de símbolos*, nascido de um pacto social e proveniente de histórica convivência que amadurecerá o valor do símbolo à medida que o grupo social aprovar e aceitar um “valor linguístico” (Saussure, p. 157). Para um dado sentido,

La collectivité est nécessaire pour établir des valeurs dont l'unique raison d'être est dans l'usage et le consentement général: l'individu à lui seul incapable d'en fixer aucune, a coletividade é necessária para que se estabeleça os valores dos quais a única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar nele qualquer valor que seja.

Em edições antigas, liam-se mais considerações sobre os dois exemplos de Othon M. Garcia a respeito de *linha e ponto* retirados do *Dicionário de Laudelino Freire*. O Autor de *Comunicação em Prosa Moderna* afirmou naquelas edições que as palavras *linha e ponto* teria, respectivamente, 165 e 117 sentidos. A do ano 2002 se

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

restringe a dizer *cerca de cem acepções*. Inclusive, é interessante refletirmos quais seriam aqueles sentidos?

Outra citação é a de Karl Bühler a respeito das funções primordiais da língua. Assim, para expressar o mundo biossocial, temos na tradução do Mattoso Câmara<sup>24</sup>, a função “representativa”, sempre que usarmos a língua em sua capacidade de fazer um recorte do mundo exterior. Se a finalidade for exprimir sentimentos, exploraremos a função de “exteriorização psíquica”. Na tradução de Roman Jakobson para a língua portuguesa, se fala em função “emotiva”, que parece termo mais simples e eficaz. Ao contrário da tradução que foi feita de Roman Jakobson para o português, quanto à finalidade persuasiva de língua, ou seja, “conativa”, o termo “apelo” – com esta expressão “apelo” está em *Comunicação em Prosa Moderna* - ou “atuação social” e que foram palavras indicados por Mattoso Câmara, e nos parecem mais precisas.

Propõe-se uma leitura sobre denotação e conotação e nota-se nas entrelinhas atualidade bibliográfica do Autor. Cita expressamente Umberto Eco, *A Estrutura Ausente*. Comenta a palavra “cão” com seus múltiplos semas: animal doméstico, mamífero, quadrúpede, canino – assertiva semântica introduzida por Greimas.

Ainda traz à luz que *toda metaforização é conotação, (... mas) nem toda conotação é metaforização*. (2002, p. 180)

Sobre a importância da metáfora é preciso completar que ela não é conotação quando se trata de um eixo formador de polissemia. Voltemos à palavra “linha”. A “linha de mira” é de sentido denotativo e nessas metáforas consagradas (O telefone deu “*linha*”, perder a “*linha*”, “*linha*” melódica...); ainda temos denotação e a metáfora é um recurso de formação do abstrato.

### PROBLEMAS LINGÜÍSTICOS EM TRADUÇÕES LATINAS

Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.), Vergílio, cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius < \*uerg (cf. gr. ‘érgon’, a-

---

<sup>24</sup> Othon M. Garcia, neste passo, não cita expressamente Mattoso Câmara, mas está em sua bibliografia.

## LÉXICO E SEMÂNTICA

ção; trabalho; ‘enérgueia’, energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil, associou o seu nome a uirgo (virgem); daí, em port. Virgílio, em fr. Virgile, em ingl. Virgil. Estudou também em Roma. Em 42 a.C., após abatalhade Filipos, teve as suas terras gaulesas confiscadas e distribuídas entre os veteranos de guerra de Otaviano. Foi a Roma e conseguiu recuperar os seus domínios, mas é confiscado pela segunda vez. Mecenas, ministro de Otaviano, cujo nome se torna um substantivo comum com o significado de “protetor da arte”, dá-lhe uma boa compensação, além de uma propriedade em Nola. Vergílio escreveu em versos hexâmetros datílicos as seguintes obras: as *Bucólicas*, ou *Éclogas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Críticos atribuem a Vergílio a autoria de peças da sua fase juvenil no *Appendix Vergiliano*.

ARMA virumque cano, Troiae qui primus ab oris  
Italiam, fato profugus, Laviniaque venit  
litora, multum ille et terris iactatus et alto  
vi superum saevae memorem Iunonis ob iram;  
multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,  
inferretque deos Latio, genus unde Latinum,  
Albanique patres, atque altae moenia Romae.

(Vergílio, *Eneida*, 1, 1-7)

Canto as armas e o varão, que, como pioneiro, veio  
Das praias de Tróia, afugentado pelo destino, para a Itália e  
Litoral Lavínio, muito ele foi agitado nas terras no alto mar  
Pela força dos deuses superiores, pela ira lembrada da cruel Juno;  
Também sofreu muitos trabalhos na guerra, enquanto fundasse a cidade,  
E transferisse os seus deuses para o Lácio, donde (surgiram) a raça latina,  
Os reis albanos e as muralhas da poderosa Roma.

A simples leitura da tradução não reflete complexidade das entrelinhas do discurso poético vergiliano. Por exemplo, ao épico o interesse se volta para apresentação, descrição e narrativa se sucedem propiciando inspiração à arte figurativa, ou como quadros de pintura, ou como aquela escultura em mármore, intitulada “Laocoon e seus filhos”, no museu do Vaticano.

Daí, a evidência do guerreiro, devido à redução da expressão linguística, dada a construção da sinédoque, ou seja, a relação por contiguidade, ou melhor, a parte (*as armas*) pelo todo (*o guerreiro Eneias*) neste primeiro verso: *arma, orum*.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O Poeta canta *as armas* e o sentido ímpar do herói, que exige do leitor um pouco mais de conhecimento da língua latina: *vir* não pertence a uma lista extensa de palavras dentro do seu grupo mórfico ou declinação; as listas extensas (ou seja, com muitas palavras) da segunda declinação apresentam a seguinte pauta: o grupo *-us*, como *mundus, i, lupus, i, corvus, i* etc. – todas estão em português: *mundo, lobo, corvo*; o grupo *-er*: *ager, agri, liber, bri, caper, pri* – todas também estão em português, mas com alguma modificação na história interna: *-b- > -v-*, *livro*; usado no diminutivo: *cabrito* e externa: *agr-, campo*, em agronomia, agricultura etc. Os neutros em *-um*: *templum, i, membrum, i* etc., marcam sua presença com formas semelhantes em português: *templo, membro* etc.

Mas *vir, viri* compõe sozinha o tipo *-ir*, sem concorrência de outra palavra com esta terminação. E, no máximo, dela se tiram derivados, como é *triumvirato*, que passou ao português. Não poderia ser de outra forma, já que em grego um ‘*ánthros*’, que corresponde no latim ao *homo, hominis*, não poderia ser um herói – pertencem em ambas as línguas a listas extensas, paradigmaticamente em latim (“-o”: “*homo, hom(inis)*; “origo, *orig(inis)*” etc.), e sim um ‘*áner, andrós*’. É que *homo, homem*, tem a mesma raiz de *humus, barro, argila...* Donde a singularidade do *vir*, que significa as qualidades *viris* do homem. Em Cícero, *Tusculanae Disputationes*, 2, 55: *rusticanus vir, sed plane vir, um homem rústico, mas verdadeiramente um homem*.

Outra dificuldade, observa Michel Bréal (1992, *A restrição do Sentido*). Não há ajuste na significação de uma expressão: ora ela é muito ampla, ora demasiadamente restrita. É o caso do adjetivo *altus* que observamos a seguir. No texto, usou-se *terris, nas terras*, em oposição a *alto, no mar*, com elipse da palavra *mar* em latim. Atribui-se ao adjetivo latino *altus* uma significação dupla: *alto e profundo*. *Altus* se prende ao verbo *alo* (cujo supino podia ser *altum / alitum*), *alimentar, nutrir...* O particípio se especializou no sentido de *alto, que tem crescido et n’a plus de rapport sémantique avec le verbe, e não tem mais relação semântica com o verbo* (Ernout & Meillet, 1985, *alo*). Porém, o Poeta ainda lança mão do sentido etimológico de *altus* quando determina (*atque moenia*) *altae Romae, (e as muralhas) da poderosa Roma*.

## LÉXICO E SEMÂNTICA

De modo que *restrição de sentido tem, há muito tempo, causado surpresa aos etimologistas*. (p. 85) Ressalta as *objeções de Quintiliano a respeito de “homo”*: ‘cremos’, diz ele, ‘que “homo” vem de “humus”, porque o homem nasceu da terra, como se todos os animais tivessem a mesma origem?’ Completa M. Bréal que “*homines*” significa “os habitantes da Terra”. Era uma maneira de opô-los aos habitantes do céu, “*Dii*” ou “*Superi*”.

No quarto verso a hipálage, ou seja, o realce dos determinantes cruel (*saevae*) e (*memorem*), promove a possível tradução: *pela ira lembrada da cruel Juno em lugar de pela ira cruel da lembrada Juno...* Outras dificuldades são os dois zeugmas, ou elipses das posições *in* – (*in Italiam*) e *ad* – (*ad litora Lavinia*); além disso, há a elipse do auxiliar de voz passiva *est* e ficou subentendido *surgiram* que seria em latim *orti sunt*.

A *Eneida* é um poema composto de doze livros, iniciado no ano 30 a.C. e não chegou a ser revisado pelo Poeta. A intenção é difundir a crença lendária de que os romanos descendiam dos troianos e que Otávio, que passou a Otaviano quando foi adotado por Julio César, e se tornou Augusto, proveniente do adjetivo *augustus*, *a*, um (derivado de *augeo*: *fazer crescer, amplificar*) Muitas vezes, a metáfora afasta de tal forma a significação de uma palavra que nos admiramos quando consultamos o dicionário. A principal fonte de inspiração de Vergílio foram os poemas homéricos. Embora tivesse trabalhado dez anos, não conseguiu deixar o poema como queria e, por isso, pediu a Augusto que os destruísse, pedido que não atendido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri. Campinas: Pontes, 1995.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la grecque - Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1974.

———. *Obra aberta: Formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine - Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RECTOR, Mônica. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SPALDING, T. O. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, s/d.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Traduzido de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.